



*Outorga do Título de Professora Emérita a*

---

*Walnice Nogueira Galvão*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**REITOR:**

Prof. Dr. João Grandino Rodas

**VICE-REITOR:**

Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**DIRETORA:**

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitrini

**VICE-DIRETOR:**

Prof. Dr. Modesto Florenzano

**SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**COORDENAÇÃO:**

Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:** Gráfica da FFLCH

**TIRAGEM:** 250 exemplares

**CERIMÔNIA DE OUTORGA**  
**DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA**  
**PROFA. DRA. WALNICE NOGUEIRA GALVÃO**

*Data:* 11 de março de 2011  
*Horário:* 14h30  
*Local:* Salão Nobre - Prédio da Administração  
Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária



# Sumário

Abertura .....	7
Prof. Dra. Sandra Margarida Nitrini	
Apresentação .....	9
Prof. Dra. Ligia Chiappini Moraes Leite	
Discurso de Saudação .....	21
Prof. Dra. Walnice Nogueira Galvão	



## **ABERTURA**

*D*irigi, com prazer, em nome do reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Grandino Rodas, a cerimônia de outorga do título de Professora Emérita à Profa. Dra. Walnice Nogueira Galvão do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, concedido pela Congregação da FFLCH .

Este título é conferido aos docentes aposentados que se notabilizaram por suas atuações nas atividades acadêmicas, no ensino, na pesquisa e na cultura e extensão.

O primeiro foi concedido em 1964, ao Prof. Dr. Fernando de Azevedo, da Área de Sociologia. A Profa. Walnice Galvão é a quadragésima sétima entre os docentes, mulheres e homens, reconhecidos como merecedores desta outorga pela Congregação da FFLCH. O Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada até este momento tem como professor emérito, o Prof. Dr. Antonio Candido de Mello e Souza, o sempre grande mestre da nossa Faculdade e criador da Área de Teoria Literária e Literatura Comparada, no início da década de 1960.

A rememoração do percurso intelectual e das principais realizações acadêmicas e intelectuais do Profa. Dra. Walnice Nogueira foi partilhada por todos nós, quando ouvimos, depois do Prof. Dr. Marcus Vinicius Mazzari, Chefe do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, as palavras da Profa. Dra. Ligia Chiappini, docente aposentada do departamento e por este escolhida como sua representante para homenagear a Profa. Dra. Walnice Galvão.

Embora este título seja conferido por méritos acadêmicos e valores intelectuais, cabe salientar também os serviços prestados pela Profa. Dra. Walnice como chefe da

Área de Teoria Literária e Literatura Comparada, então integrante do antigo Departamento de Letras Orientais, e na elaboração do projeto de criação do atual Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, ao lado do Prof. Dr. Davi Arrigucci, da Profa. Dra. Ligia Chiappini Moraes Leite e dos saudosos Prof. Dr. João Alexandre Barbosa e João Luís Machado Lafeté.

Foi dupla minha satisfação ao conduzir a cerimônia de outorga desse título à Profa. Walnice Nogueira Galvão, como diretora da FFLCH e como docente do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Nessa última condição, desfrutei de sua riqueza intelectual na convivência do dia a dia de nossa Faculdade, durante alguns anos. Tive ainda o privilégio de ter sido examinada por ela, ao lado de outros membros da banca, em concurso de ingresso na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, em 1980 e para a qual fui chamada um ano depois, quando se abriu uma nova vaga.

Sobressai-se, no entanto, minha satisfação por conduzir esta homenagem a uma docente, que se notabilizou no ensino e na pesquisa, em tempos em que o ensino nem sempre é devidamente valorizado. Na nomeação desse título, figura a palavra Professor, função chave numa universidade que se dedica ao ensino e à pesquisa e numa Faculdade comprometida com a formação de cidadãos em nível de excelência nas áreas das humanidades, com espírito crítico e empenhados na construção de uma sociedade justa e democrática. A Profa. Walnice tão reconhecida por suas pesquisas e numerosos livros nunca preteriu a graduação, ao contrário, a prática da docência na graduação era sua preferida. A dedicação a este nível de ensino não a impediu de tornar-se a grande intelectual que todos conhecemos, com contribuições de monta para a crítica literária, para a cultura e para a sociedade brasileiras.

*PROFA. DRA. SANDRA MARGARIDA NITRINI*



## APRESENTAÇÃO

Exma. Profa. Sandra Nitrini, diretora desta Faculdade; exmo. Prof. Marcus Mazzari, chefe do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada; demais autoridades aqui presentes; prezado Prof. Antonio Candido, prezada Profa. Walnice Nogueira Galvão, caras e caros colegas, funcionárias, funcionários, estudantes, senhoras, senhores:

Antes de mais nada, gostaria de agradecer o convite para apresentar aqui nossa homenageada, o que para mim é uma grande honra e o que passo a fazer.

Walnice Nogueira Galvão entrou em Letras mas se formou em Ciências Sociais no início dos anos 60. Quase se desgarrou da literatura quando resolveu estudar sociologia, mas o gosto pelos livros e a atração pelos misteriosos caminhos da arte de ler e escrever, acabaram trazendo-a de volta para nós, estudiosos de literatura, como professora e pesquisadora de Teoria Literária e Literatura Comparada. Aí foi a primeira assistente de Antonio Candido e, como ele, soube combinar muito bem essas duas áreas, construindo um método crítico que dá conta simultaneamente da função social e do valor estético das obras analisadas, evitando assim, os extremos que ainda hoje espreitam os estudos literários: o conteudismo, de um lado e o formalismo, de outro.

Afeita a enfrentar grandes desafios, já para as suas teses de doutoramento (1970) e de livre-docência (1972) escolheu dois monstros sagrados da literatura brasileira: João Guimarães Rosa e Euclides da Cunha. De lá para cá nunca deixou de escrever sobre esses autores e suas obras inesgotáveis. Dos 35 livros que publicou, 7 foram sobre Rosa e 16 sobre Euclides, além do muito que escreveu para livros coletivos e dos inúmeros artigos para jornais e revistas, sem mencionar as incontáveis palestras, argüições, prefácios e pareceres, no Brasil e no exterior.

Além das teses, das quais resultaram dois livros muito citados e hoje, clássicos, *As formas do falso - Um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas* (1972, reeditado em 93) e *No calor da hora - A guerra de Canudos nos jornais* (1974, reeditado em 77 e 94), várias outras publicações dessa grande lista são hoje referência incontornável para qualquer estudioso de Rosa e ou de Euclides. Sobre os contos de Rosa, destaca-se o primoroso livro de ensaios, *Mitológica Rosiana*, publicado pela Ática, em 1974. Aí podemos ler com pensamento e pele, desde um ensaio inspirado e poético sobre o célebre conto intitulado “A terceira Margem do Rio”, até as análises eruditas, com sólida base antropológica, como no caso da sua leitura do não menos conhecido “A hora e vez de Augusto Matraga”, ou do ensaio sobre “Meu tio o iauaretê”, atualmente publicado em alemão, na tradução de Marcel Vejmelka, para acompanhar a reedição, no centenário do autor, do pequeno livro, traduzido por Curt-Meyer Clason e há muito esgotado.

Walnice não apenas faz crítica, mas também edições críticas. A de *Grande Sertão: Veredas*, que coordenou num trabalho de mais de 10 anos, para a prestigiosa Collection Archives, da Unesco, infelizmente, não saiu até hoje por problemas nas intermináveis negociações. Já sua edição crítica de *Os Sertões* foi mais feliz, tendo sido publicada em 1985 e até mesmo reeditada em 1998 e 2009.

Ela foi também capaz de fazer algo ímpar na divulgação mais geral da obra desses dois grandes autores, como o livrinho que preparou sobre *Guimarães Rosa*, para a coleção Publifolha, publicado em 2000; o instigante *O Império do Belo Monte- Vida e morte de Canudos*, do ano seguinte, editado pela Fundação Perseu Abramo; e o novíssimo *Euclides da Cunha - Um militante da República*, da coleção “Viva o Povo Brasileiro”, da editora do MST, a Expressão Popular. Esse incessante esforço de divulgação mais ampla prosseguiu na organização de livros e revistas. É o caso dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, um de 2006, sobre Rosa, outro sobre Euclides, em 2002. E, sobre este, a organização do número especial da Revista da Academia Brasileira de Letras, em 2009.

Pode-se ainda apontar nessa pesquisadora exemplar uma verdadeira obsessão com as fontes desses escritores. Depois de longas pesquisas no Brasil e no exterior, acabou publicando, entre outros: a *Correspondência de Euclides da Cunha* (com Oswaldo Galotti), pela Edusp, em 1997; o *Diário de uma expedição* pela Companhia das Letras, em

2000; e o *Breviário de Antonio Conselheiro* (com Fernando da Rocha Peres), pela Ufba, em 2002. A reedição do livro de Olímpio de Souza Andrade, *História e interpretação de “Os sertões”*, 4ª ed. revista e aumentada, que organizou para a Academia Brasileira de Letras, em 2002, e *Crônica de uma tragédia – Os Autos do Processo*, para a Terceiro Nome, em 2007, também evidenciam essa preocupação.

Como se vê, a curiosidade intelectual e a necessidade de desenvolver e aprofundar a pesquisa sobre Rosa e Euclides, além da grande paixão por suas obras, fazem Walnice voltar sempre a eles. Mas não se trata aqui de um “samba de uma nota só”, para plagiar a sarcástica expressão que a saudosa colega Sandra Pesavento<sup>1</sup> utilizava, quando se referia a pesquisadores que estavam sempre a apresentar os mesmos temas e os mesmos resultados, muitas vezes maquiados com ligeiras alterações e novos títulos: “fulano é samba de uma nota só”, dizia ela. Walnice não, a volta a Rosa e a Euclides sempre se dá enriquecida, com objetivos e resultados diferentes. Além disso, paralelamente, escreve sobre os mais variados temas, em diálogo permanente com a atualidade, como nos seus outros 12 livros e em diversos textos breves, dedicados à crítica literária e cultural mais abrangente.

Um exemplo significativo é o campo dos estudos de gênero, abordado no livro intitulado *A donzela guerreira*, publicado pela editora do Senac (São Paulo, 1998, reeditado em 2011). Esse livro, que levou mais de 20 anos para ser escrito e publicado, já nasceu clássico. Mais da metade de outro mais recente, intitulado *O tapete afegão*, é dedicada ao tema “Mulheres”, que reúne escritos dispersos sobre Maria Isaura Pereira de Queiroz, Gilda de Mello e Souza, Olga Benário Prestes, Pagu, Teresina, Diadorim, etc. etc. Para sua Aula Magna na Faculdade de Filosofia, em 2005, escolheu o tema “Gilda de Mello e Souza - Um percurso intelectual”, homenageando ao mesmo tempo uma mulher e nossa Faculdade.

Nada que tem a ver com cultura lhe é alheio. Como costuma dizer Antonio Candido, ela sabe tudo. Mas, no que sabe e mostra que sabe, expressa uma visão coerente, na defesa da qualidade artística, do respeito à chamada cultura popular e à democratização da alta cultura. Uma vez disse em entrevista:

<sup>1</sup> Sandra Pesavento foi Profa. Titular de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde produziu uma ampla, profunda e diversificada obra historiográfica.

“Beleza é como Clarice e Guimarães Rosa escrevem. Aquilo é valor estético, que evidentemente era colocado em primeiro lugar. Pegue uma lista atual de romances internacionais. Se todos aqueles escritores produzem um livro a cada dois anos, é claro que não estão preocupados com qualidade. Não dá. Basta lembrar a lentidão com a qual Guimarães Rosa ou Clarice Lispector trabalhavam. Não dá para fazer obras-primas a cada dois anos. E a vazão atual da literatura é essa: a cada dois anos, um livro.”<sup>2</sup>

Na mesma entrevista diz que gostaria “que a arte literária continuasse preocupada em melhorar o leitor” e acrescenta:

“Vivo citando a frase de Oswald de Andrade: “Um dia a massa comerá do biscoito fino que eu fabrico.” Não se deve piorar o biscoito só porque ele vai para a massa. É preciso ter um objetivo formativo para o seu leitor, para o contemplador da sua pintura, para o ouvido da pessoa que ouve a sua música.”<sup>3</sup>

É esse desejo de democratizar a alta cultura que a levou a organizar antologias, como é o caso de *Os melhores contos de Clarice Lispector (org.)*, (São Paulo, Global, 1995). Mas, ao mesmo tempo, dedicando-se a estudar temas populares, como o carnaval, sobre o qual publicou: *Le carnaval de Rio* (Paris, Chandeigne, 2000) e *Ao som do samba – Uma leitura do carnaval carioca* (São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009). Ou então voltando-se para a música popular e o cinema, como é o caso de *Sombras e sons* (São Paulo, Lazúli, 2010).

A brilhante carreira de pesquisadora e ensaísta, a coerência e persistência na defesa da justiça social e da democracia, bem como o empenho com que continuou dedicando a maior parte de suas pesquisas aos maiores escritores da literatura brasileira, valeram-lhe o reconhecimento nacional e internacional que se comprova por meio de várias homenagens que vem recebendo. Assim, em 2008, a Universidade Livre de Berlim, promoveu um congresso sobre o centenário de João Guimaraes Rosa em sua homena-

---

<sup>2</sup> Rev.E, Portal do Sesc, n. 134  
[http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas\\_link.cfm?Edicao\\_Id=368&Artigo\\_ID=5629&IDCategoria=6482&refotype=2.online](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=368&Artigo_ID=5629&IDCategoria=6482&refotype=2.online):

<sup>3</sup> Idem, ibidem.

gem. Em 2009, recebeu o prestigioso prêmio Biblioteca Nacional pelo livro *Mínima mímica - Ensaios sobre Guimarães Rosa e em 2010, o Prêmio Academia Brasileira de Letras para Euclidian - Ensaios sobre Euclides da Cunha*. Alguns de seus escritos contribuem em diferentes línguas para a divulgação da nossa literatura e cultura em outros países: em espanhol, os ensaios sobre Rosa, publicados pela UNAM, México, em 1980, e a edição latinoamericana de *Os Sertões (Los Sertones)*, pela Biblioteca Ayacucho, em 1981; em francês, um livro sobre o carnaval brasileiro e uma pequena história da literatura brasileira, escrita em parceria com Mario Carelli, pouco antes do precoce desaparecimento deste. Sem contar os vários ensaios em inglês e algumas outras línguas menos frequentes entre nós, como é o caso do alemão.

Tendo conquistado o título de Professora Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada em 1985, trabalhou ainda mais uma década no Departamento de mesmo nome, antes de aposentar-se. Mas isso não significou parar, pois continuou participando de bancas, concursos e outros eventos acadêmicos. E, sobretudo, continuou escrevendo, lendo, polemizando, aconselhando, viajando e ensinando no Brasil e no exterior.

Entre outras atuações dessa intelectual militante, cabe lembrar que é membro-fundadora do Centro Ángel Rama (FFLCH-USP), e membro do Núcleo de Estudos do Imaginário (Instituto de Psicologia – USP). Mas é também consultora da editora do MST, Expressão Popular, e da Fundação Perseu Abramo. Pois nossa homenageada sempre encontrou tempo para desenvolver uma considerável atuação como intelectual militante à margem da Universidade, mas levando desta tudo o que aprendeu e ensinou, para realizar um trabalho de divulgação científica e de formação de alto nível, em bibliotecas, associações, movimentos sociais, editoras, grupos, centros e núcleos de estudos, entre outros. Os exemplos são inúmeros, desde a SBPC, em tempos de ditadura, coordenando mesas redondas sobre temas então muito novos, como a problemática feminina, ou os eternos impasses da educação no Brasil. Com respeito a estes, na SBPC de 1977, coordenou a mesa-redonda sobre a situação do ensino de Língua e Literatura na escola pública, da qual acabou resultando a Associação de Professores, APLL, que existe até hoje. Walnice lançou aí a idéia para os mais jovens levarem adiante e, uma vez criada a Associação, colaborou com ela desde o primeiro encontro e a primeira revista. Nesta, com um texto sobre as relações da literatura com a sociologia, atual até hoje.

No grupo internacional e interdisciplinar de Literatura e História, Cliope, criado em 1991, que por cerca de dez anos promoveu vários eventos e organizou vários livros decorrentes deles, seus textos, sobre Sergio Buarque de Holanda e Oswald de Andrade entre outros, são marcos decisivos. Na excursão desse grupo a Campos do Jordão no ônibus desta Faculdade, rumo a um desses eventos, chamou-me a atenção particularmente a sua disciplina, a pontualidade e o rigor na leitura e no comentário dos textos dos colegas e na produção dos seus próprios. Pontualidade e rigor mantidos na entrega dos textos para publicação, o que sabemos não ser a regra entre nós das ciências humanas.

Como assessora de várias agências de fomento à pesquisa (FAPESP, CNPQ, FAPERJ, Fundação Carlos Chagas, Social Science Research Center, entre outras), Walnice junta o rigor à compreensão numa leitura atenta, respeitosa e, ao mesmo tempo crítica, dos projetos que lhe chegam às mãos.

No planejamento e preparação dos seus cursos, bem como na concisão com que apresenta as informações e argumentos, exigindo a contrapartida dos alunos, na leitura feita por eles e nos seus comentários, de preferência, por escrito, também se mostra rigorosa. Nos cursos pioneiros de pós-graduação, que tive o privilégio de freqüentar por puro gosto, mesmo depois de ter defendido o doutorado, lemos inteirinho e discutimos por escrito e oralmente desafiantes textos, como, entre outros o volumoso e complexo *Anatomia da Crítica*, de Northrop Frye, autor que então uma novidade.

Pioneira, como já foi dito acima, nos hoje tão populares “estudos de gênero”, Walnice deu outro curso para um único pós-graduando (homem, vejam só!!!) e alguns/algumas penetras como eu, atraídos/as pela novidade do tema e pelo interessante programa que tinha uma forte base nas relações entre literatura e psicanálise, o que, mais tarde também viraria uma das linhas de pesquisa mais prestigiadas na academia e fora dela.

Na graduação também antecipou tendências hoje recorrentes nos chamados estudos culturais, como no concorrido curso que deu sobre a MPB, no qual analisou, entre outros, “A Banda”, de Chico Buarque. Não tive o prazer de participar desse curso, mas lembro de ouvir colegas, entusiasmados com a novidade, repetirem nas arcadas da Maria Antonia: “Walnice está analisando A Banda!”. Ou as canções de protesto, que acabaram resultando num polêmico artigo, publicado mais tarde no livro não menos polêmico, *Saco de Gatos*.

Jorge Amado, de *Teresa Batista cansada de guerra*, foi agudamente criticado em sala de aula e num ensaio escrito desde uma perspectiva marxista e, ao mesmo tempo, feminista. Às vezes a professora parecia até meio brusca, utilizando um método que provocava uma espécie de choque epistemológico nos estudantes, quando não os fazia mudar de rumo. Como quando em meio a uma aula, na qual expunha uma de suas primorosas interpretações de texto, ouviu uma inesperada pergunta de quem estava visivelmente pensando em outra coisa: “— Professora: o que é cultura?” e respondeu sem hesitar: “— Não sei, para responder teria que dar outro curso”. Em outros, sem ter ainda o google para rastrear plágios, apontava segura: “— Isso você copiou de fulano de tal”.

Como professora, como crítica e como interlocutora, Walnice não é fácil. A intolerância à desonestidade intelectual tanto quanto à chatice e à inconsistência balofa, de alunos mas também de colegas, amigos e correligionários, se expressa muitas vezes num rompante, na frase ouvida muitas vezes em meio a animada conversa: “Não acho, acho tudo o contrário”

Orientandos formais teve poucos, mas os que teve marcaram a pesquisa brasileira. E extra-oficialmente teve um batalhão, pois não apenas leu e discutiu inúmeros trabalhos de colegas mais jovens e pesquisadores que a consultavam de perto ou de longe, como os incentivou a publicar nos veículos que coordenava, como é o caso da revista *Almanaque*, da *Revista Língua e Literatura*, da *Revista Leitura* do D.O. do Estado de São Paulo, da revista *Teoria e Debate*, da Fundação Perseu Abramo, para citar apenas algumas delas.

Aliás, a sua dedicação a revistas é notável. Ela sempre esteve e ainda está trabalhando em alguma. Em várias delas é membro ativo, alerta e crítico do conselho editorial, como foi ou é o caso das seguintes: *Linha d'Água*, da Associação dos Professores de Língua e Literatura; *Literatura e Sociedade*, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (USP); *Magma*, revista da Pós-graduação do mesmo Departamento; *Palimpsesto*, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); *Revista Imaginário*, do Instituto de Psicologia da USP; *Outros Serões*, da Universidade Estadual da Bahia (UNEB); *Poesia Sempre*, da Biblioteca Nacional; *Revista do IEB* (Instituto de Estudos Brasileiros – USP). De outras, como colaboradora, a exemplo da *Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP*, *Mais!*, *Piauí*, *Cadernos de Literatura* do Instituto Moreira Salles, *Revista USP*,

*Revista Brasileira (da ABL)*, *Trópico* e as já citadas *D. O. Leitura*, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e *Teoria e Debate*, da Fundação Perseu Abramo.

Dentre as que coordenou, sozinha ou em parceria com algum colega igualmente disposto, destaco, para ficar somente com dois exemplos:

1. *Língua e Literatura*, das Letras da FFLCH (com Leyla Perrone-Moisés e José Carlos Garbublio). Aí idealizou e produziu com esses e outros colegas, um número especial com depoimentos sobre a história de nossa Faculdade: entre outros, de Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Mário Schemberg, Cândido Silva Dias (da Matemática), Paul Arbousse-Bastide, Ruy Coelho. Tais entrevistas são sempre citadas até hoje. O número tornou-se um clássico.
2. *Almanaque - Cadernos de Literatura e Ensaio*, com o saudoso Bento Prado, e apoiada incondicionalmente pelo igualmente saudoso Caio Graco, da Editora Brasiliense, por onde saía a revista, em plena ditadura, feita com muito humor sem perder a seriedade intelectual. *Almanaque* vem sendo objeto de estudo de quem hoje se interessa pelas revistas do período.

A presença de Walnice Nogueira Galvão também se faz sentir, como colaboradora freqüente de jornais como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e em veículos menos óbvios para uma crítica literária, como é o caso da revista *Globo Rural* (Editora Globo).

Trata-se ainda de uma grande idealizadora e realizadora de eventos fora da Academia. Exemplo notável são os cursos sobre Literatura Universal, que coordenou, selecionando conferencistas diversos entre 2001 e 2004, na Biblioteca Mário de Andrade, a convite da Secretaria Estadual de Cultura.

Segundo ela mesma narra na entrevista acima citada, “eram séries de conferências que atraíam tanta gente, um público tão entusiasmado, que fazia perguntas, ávido para saber e discutir, aproveitando muito bem a oportunidade - que estava tendo e normalmen-



te não tinha - de ouvir especialistas sobre temas da alta cultura. Uma vez tiveram que apagar a luz, porque eram onze horas da noite e ninguém queria ir embora”.<sup>4</sup>

Walnice sempre leu muito, escreveu muito e viajou muito dentro e fora do Brasil. Tanto como Professora convidada de conceituadas Universidades pelo mundo afora quanto como “turista aprendiz”. Como sempre viajou muito e trabalhou muito, não lhe sobrou tempo para fazer a própria publicidade.

No exterior, participou e continua participando dos congressos mais concorridos. Foram congressos que a levaram à África, à Índia e ao Japão. Mas a China, o Oriente Médio, o Egito, a Rússia e diversos países do Leste, conheceu por conta própria. Também viajou muito pelos sertões, conhecendo bem o Brasil e a América Latina. Foi ainda Professora Visitante por curtos e longos períodos nas Universidades mais prestigiadas do mundo, entre elas: Universidade do Texas em Austin (1º sem. 1978); Iowa City (junho 1978); Universidade de Columbia (dez.1985-março 1986); Universidade de Paris VIII (dez.1986-março 1987); Freie Universität Berlin (abril-maio 1990 e 2003); Universidade de Poitiers (1992,1993,1994, 1995); Universidade de Colônia (junho - julho 1995); École Normale Supérieure - Fontenay (1995-1996); Universidade de Oxford (1999).

Essas experiências foram marcadas por uma posição soberana e crítica, embora gentil, aberta e modesta, diante da academia européia e norte-americana, onde não deixou nunca de perceber que, apesar de todo o discurso do respeito às diferenças, ao multilateralismo e à interdependência, os intelectuais do mundo menos desenvolvido nem sempre são tratados como iguais por seus pares do primeiro mundo.

As constantes viagens muitas vezes encerravam etapas e abriam novos ciclos tanto na vida pessoal como na vida da pesquisadora, ambas muito intrincadas, alimentando-se mutuamente. Como evidências de uma sabedoria rara; de um saber morrer e renascer, para viver plenamente as várias fases da vida, depois de trabalhar traumas e lutos, abrindo-se para novas alegrias e novas viagens.

---

<sup>4</sup> Cf. nota 2.

A experiência cosmopolita e suas incursões regionais, pelos sertões do Brasil e os confins da América Latina, são suficientes para defini-la como uma personalidade local-global. Cosmopolita, paulista, sertaneja e caipira. Só não se agauchou, mas como ninguém é perfeito, podemos perdoar-lhe esse lapso, lembrando que, apesar dele, nunca se negou a ler e criticar construtivamente os trabalhos sobre os escritores gaúchos que eu e outros colegas lá dos pampas andamos escrevendo.<sup>5</sup>

O currículo de Walnice Nogueira Galvão não está no Lattes, que ela nunca achou tempo para fazer: ou melhor, o que está lá é incompleto e modesto, como, aliás, o é qualquer currículo que ela nos possa fornecer. O mais atual tem quatro (!) páginas. Mas, como tudo o que ela escreve, exige leitores que saibam ir além das linhas e mesmo das entrelinhas, adentrando os seus livros e ensaios, percorrendo as suas raras e também lacônicas entrevistas e percebendo aqui e ali, no currículo de muitos pesquisadores e pesquisadoras no Brasil e fora dele, as marcas de seus achados.

Poucos sabem, mas Walnice Nogueira Galvão, embora avessa aos cargos burocráticos, coordenou a então área de Teoria Literária, que representou por longos 11 anos, como única livre-docente, no conselho do Departamento de Linguística e Línguas Orientais, nada pacífico, como muitos aqui sabem. Além disso, grande foi sempre a irradiação da área, para a qual ela muito contribuiu, representando a área de Teoria Literária e Literatura Comparada em comissões diversas, como a de Publicações, da qual saiu um número clássico da revista já citada.. E também para além do novo departamento, que ajudou a colocar de pé, quando era coordenadora da referida área.

O título que hoje ela recebe é prova de que o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e esta Faculdade reconhecem tudo isso. Para os mais jovens talvez seja necessário explicar e para os mais velhos simplesmente lembrar que esta cerimônia tem uma significação especial como reparação de um lamentável erro dos tempos ditatoriais. Embora seja um dia de festa e não seja considerado de bom tom azedá-los com lembranças desagradáveis, tenho o defeito terrível de ter memória. Por

---

<sup>5</sup> Em tempo: há que acrescentar ainda como atenuante a sua constante “devoção a Araraquara”, lembrança que devo e agradeço a Celso Lafer.

isso não poderia deixar de mencionar a decisão tomada aqui nesta mesma sala, há mais de 40 anos atrás de rejeitar a inscrição de Walnice Nogueira Galvão para o concurso de Livre Docência, depois de tê-la como professora da casa por tantos anos, com base em uma imoral acusação de... falta de idoneidade... moral !, felizmente revertida, por empenho de colegas que, sob o estímulo de Antonio Candido, aprovaram o pedido numa nova sessão da Congregação.

Queria enfaticamente felicitar a Professora Walnice Nogueira Galvão por esta honraria e à Faculdade por ter sabido honrar a quem muito merece. Mas vou ficando por aqui, antes que nossa homenageada sacuda a cabeça e repita aquela temida frase: “Não, não acho. Acho tudo o contrário”.

*PROFA. DRA. LIGIA CHLAPPINI*



## DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Cumprimento a todos os presentes, familiares, colegas e amigos.

Em primeiro lugar, a Antonio Candido, que prestigia a mesa dos trabalhos ao fazer parte dela. Em seguida, a nossa querida diretora, Sandra Nitrini; e depois a Lígia Chiappini, a quem agradeço as boas palavras, certamente imerecidas. E é graças à iniciativa dos colegas de Departamento, aqui representados por seu chefe Marcos Mazzari, que vim a receber este título. Ressalto a feliz coincidência que torna rara esta ocasião: todos os integrantes da mesa pertencem ao mesmo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, advindos de várias gerações, a começar por seu fundador.

Penso que não preciso me deter muito sobre o quanto devo a esta Universidade e a esta Faculdade, às quais sou muito ligada.

Por isso, gostaria de evocar meus professores, com quem tive o privilégio de conviver. Para homenagear a todos, selecionei três dentre as mulheres e três dentre os homens.

Dentre as mulheres, lembro Maria Isaura Pereira de Queiroz, Gioconda Mussolini e Gilda de Mello e Souza. Sempre houve lugar em nossa Faculdade para radicais diferenças de personalidade e de obra: basta pensar nessas três. Fui aluna regular das duas primeiras e assisti eventuais aulas da terceira, que era professora de Filosofia.

Maria Isaura era um modelo de intelectual independente. Assim como todo ano, em suas férias brasileiras, dava um curso em Paris, também se embrenhava pelo sertão, viajando de caminhão por estradas de terra. Foi assim que veio a conhecer por dentro, produzindo trabalhos clássicos, o coronelismo, o cangaço, o messianismo, campos em que se tornou autoridade inconteste. Seu renome era internacional. Mais tarde se tornaria Professora Emérita, ela, sendo a primeira mulher de nossa escola a receber esse título

– graças a um conluio entre Leyla Perrone-Moysés e eu mesma, na Congregação. Quando a saudei na outorga do título de Emérita, evoquei a grata lembrança de Maria Isaura defendendo nossa escola, a Maria Antonia, que o diretor queria fechar após a saída de uma passeata estudantil em 68. A Faculdade de Filosofia da Maria Antonia era a sede do movimento estudantil, estava ocupada pelos estudantes e era o refúgio para onde eles acorriam quando a repressão caísse em cima deles. Maria Isaura não teve dúvida: declarou bem alto que garantiria a incolumidade do prédio (preocupação do diretor), pegou uma cadeira, colocou-a no meio do umbral para manter a porta aberta e sentou-se ali *por várias horas*, até a volta dos manifestantes, armada unicamente com seu guarda-chuva (hoje histórico: tinha o cabo de madeira trabalhada e fora presente da avó).

Gioconda infelizmente morreu cedo e sua carreira ficou interrompida, tanto quanto à pesquisa quanto no que diz respeito às publicações. Tinha o dom da docência e dava aulas extraordinárias. Seus escassos trabalhos, ou inéditos ou de publicação póstuma, dedicaram-se especialmente à cultura caiçara, de que era grande conhecedora. Passava largos períodos fazendo pesquisa de campo no litoral paulista, e levava com ela grupos de alunos para iniciá-los em métodos e técnicas. Sua dedicação ao trabalho de campo se unia a uma capacidade notável de reflexão teórica e de absorção do que de mais avançado em antropologia se fazia pelo mundo afora. Quem foi seu aluno se lembra de suas aulas e quem leu seus finíssimos trabalhos sobre o modo de vida dos pescadores jamais os esquecerá. Felizmente, seus colegas e grandes amigos Edgard Carone (organizador) e Antonio Candido (prefaciador) prepararam uma coletânea de seus esparsos, e assim podemos lê-los no volume intitulado *Ensaio de Antropologia indígena e caiçara*.

Quanto a Gilda de Mello e Sousa, que ensinava Estética, descortinava para nós uma visão da arte. Tudo o que dizia, bem como tudo o que escrevia, se distinguiu pela originalidade, e obrigava quem a ouvia a pensar. Falando sobre a estética de Mário de Andrade ou sobre a concepção do espaço na pintura do Renascimento, era um brilho só. Sua perspectiva ao mesmo tempo afirmava o primado do visual e o contacto com o concreto, em que era insuperável, como mostram os trabalhos que deixou escritos. Era de uma elegância ímpar em suas formulações, que sempre abriam nossos olhos.

Dentre os homens, escolho três: Antonio Candido, Florestan Fernandes e Sérgio Buarque de Holanda.

De Antonio Candido, com quem trabalhei a vida toda e com quem continuo a conviver intensamente, não posso dizer muito, porque sua presença me impediria. Ensinou-me tudo, e se mais não aprendi, foi por falta de material à sua altura.

Florestan Fernandes foi um modelo de intelectual combativo, para quem o saber estava acima de tudo mas não o impedia de se dedicar a causas em favor de seus semelhantes. Além da obra extraordinária que lhe dá o título de maior sociólogo brasileiro, além de ser o criador da escola de sociologia paulista, foi um homem de integridade científica, política e pessoal inquebrantável. Sempre pensei que o poema “O cacto” de Manuel Bandeira o caracteriza à perfeição.

Quanto a Sérgio Buarque de Holanda, não fui regularmente sua aluna porque ele dava aulas em História, mas assisti a muitas delas, inclusive numa ocasião memorável, que foi a defesa de tese de *Visão do Paraíso*. Uma das grandes experiências de ser estudante e docente nesta Casa era a frequência às defesas de tese, a que todos acorriam. Sérgio espantava pelo brilho da erudição: não havia nada que não soubesse. E como também era servido por uma inteligência única - e por um senso de humor também único -, ouvi-lo era um prazer, afora o proveito.

Em suma, tive o privilégio de ser aluna de grandes intelectuais, e por isso penso que fiquei razoavelmente vacinada contra a impostura. Grande intelectual é isso, como essas mulheres e homens a quem evoquei rapidamente. E muito obrigada a todos pela presença.

PROFA. DRA. WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

